



Os Fosseis

~~C RITUAL~~

Moacyr Flores

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

O RITUAL

MOACYR FLORES



PERSONAGENS:

- SILVIO - Estudante que realiza uma pesquisa no grupo.
- HEUSA - Jovem que deseja fugir do grupo.
- ALTAIR - Chefe de grupo.
- JACO - Jovem desligado.
- BIRA - Maniaco pelo som.
- TÂNIA -
- CELO - Core desligado.
- JUJU -
- DESSENGADOS - Quatro jovens que perambulam em cena, sem tomar conhecimento da ação.

CENÁRIO:

No fundo uma plataforma de onde saem diversos canos horizontais. Atrás da plataforma várias gambiarras no chão. Iluminação no interior dos canos.

C E N A I



Cena às escuras. Música POP. Luz vermelha. P.F. torna mais intensa. ALTAIR, CLEO, TÂNIA e JUJU, em silhuetas, dançam na plataforma. A luz na se ilumina lentamente, passando do amarelo para o amarelo. Música decresce. CLEUSA surge de um cano.

CLEUSA - Oi, amizade, qual é a de vocês?

ALTAIR - Estamos na nosca, curtindo o nascer do Sol.

CLEO - Lembra-se do que disse o Profeta?

CLEUSA - Ele é um papo furado! Estou na minha e não na de vocês. Quero dormir.

ALTAIR - O Profeta prometeu que viria ao nascer do Sol para fazer uma viagem com a gente. Vai ser legal quando ele chegar!

CORO - Jóia, Jóia!!!

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

CLEUSA - Ele é um vigarista.

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

ALTAIR - Você não conhece o Profeta, ele é bacana paca!

CLEUSA - Não o conheço? A onde ele dormia? Aqui neste cano!

TÂNIA - Papo furado! O Profeta entrava por um cano e saía pelo outro.

JUJU - Gostava de todos os canos.

CLEO - Pertencia a todos sem ser de ninguém.

CLEUSA - Vocês faziam um charminho para ele, mas o Profeta tinha uma liga comigo..

TÁVIA - Ele foi embora sem dizer adeus para se livrar de você.

OLEUSA - Ele se mandou porque estava lelé-da-cuca, lelé - da-cuca!! Era um porco chauvinista.

JUJU - E você é uma porca revisionista!

C E N A II

Os mesmos. BIRA sai de gatinhas de um cano.

BIRA - Paz, bicho, paz e amor. Vamos curtir um som legal.

CORO - Jóia, Jóia!

BIRA - (arrumando fios) Um som bacana!

CORO - Estamos aí!

BIRA - Gente fina!

CORO - Legal, legal!

OLEUSA - Du quero dormir! Deveria ter ido à Bahia.

BIRA - O que é isto, gatinha? A onda agora é a praia dos Artistas.

CORO - Jóia, jóia!

AMPAER - Gente, aí vem o CACO!

(BIRA entra e sai pelos canos arrumando fios)

C E N A III

Os mesmos e CACO que chega com mochila às costas.

CACO - Oi, gente boa!



- ALTAIR - (abraçando CACO como se fossem amigos)
A gente estava com saudade de vocês!
- CACO - E qual é?
- ALTAIR - (separando-se) Legal, legal!
- CLEUSA - E qual é, CACO?
- CACO - Tô com uma tranca de boca que peguei na Bahia.
- TÂNIA - Conta, CACO, conta.
- CACO - A Bahia é um troço lindo. Você se / se desinibe, entra no Nirvana.
- CORO - Legal, legal.
- CLEO - Viu o Castano?
- CACO - É um cara legal! Cantou para o povo.
- CORO - Jôia, jôia!
- JUJU - É a Maria Betânia?
- CACO - Criança maravilhosa.
- CORO - Legal, legal!
- CACO - A gente fala falando. É isto aí, mo/
rou?
- ALTAIR - A onda aqui é a natureza, curtir o
nasser e o por.
- CACO - O que é o nasser e o por?
- ALTAIR - O nasser e o por do Sol. É isso aí,
amizade.
- CLEUSA - E os powers?
- CACO - Deixei os "powers".
- CLEUSA - Por que, CACO?

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
FONE 226.0242 - CEP 90020-025

- CACO - Os "powers black", as "woman's lib"
de uma mediocridade total!
- CORO - Falou, tá falado!
- TÂNIA - QUAL é a tua?
- CACO - Andar andando, falar falando: comunica-
ção!
- CLEUSA - Então vem cá que estou sozinha!
- CLEO - Ela está insegura desde que o Profeta se
mandou.
- CLEUSA - Comigo nada dá certo.
- CLEO - E por que nada dá certo?
- JUJU - Você vive falando de partir e mudar de /
vida.
- TÂNIA - Partir para onde, não vê que a sociedade
de consumo se consumiu?
- JUJU - Não há mais a força de corpo e do sexo.
- ALTAIR - Para que mudar? Aqui estamos livres dos
chavões da sociedade de consumo.
- CLEO - Vivemos descompromissados com o mundo
- TÂNIA - Numa alegria, alegria.
- CLEUSA - A programação de alegria constante não /
funciona.
- ALTAIR - A onda agora é curtir a natureza! E isso
aí!
- JUJU - Falou e disse!
- TÂNIA - Tá falado!
- BIRA - (saindo de um cano) ôi, CACO, e a Bahia?
- CACO - (erguendo os polegares) Legal!!



BIRA - Arrumei um som que é um barato. Quer curtir?

CACO - Tô na sua!

CORO - Jóia, jóia.

(jogo de luz que acompanha a música e a dança. Projeção de formas abstratas no fundo. No final da música desaparecem nos canos.)



C E N A IV

CLEUSA em posição de ioga. Silvío se aproxima timidamente.

SILVIO - Bom dia, moça. (pausa) O que está fazendo?

CLEUSA - Não estou aqui.

SILVIO - Ué? Você está sentada aí!

CLEUSA - Estou no Nirvana! A onda agora é Zéni (mudando de tom) Você estragou minha concentração. Se manda, se manda!!!

SILVIO - Está se concentrando para que?

CLEUSA - Para se desligar. Morou?

SILVIO - Quer dizer que basta a gente sentar/ desta maneira para se desligar como se torcesse um botão? Assim! Clic?

CLEUSA - Clic.

SILVIO - Posso experimentar? (examina a posição de CLEUSA e depois procura imitar)

CLEUSA - Concentração!

SILVIO - Concentração...

CLEUSA - Silêncio!

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

(Os dois em uma posição de ioga. SILVIO olha
diversas vezes para CLEUSA que se concentra
inóvel. Música POP.)

SILVIO - Este negócio cansa! Mishas pernas
tão doendo. (tenta se levantar) Con-
tinuo ligado e de pernas duras! - Não
melhor parar. (levanta-se e examina o
local) Tem mais gente por aí?

CLEUSA - Tem.

SILVIO - Onde estão?

CLEUSA - Nos canos.

SILVIO - Será que elas não se importam comigo?
Posso ficar?

CLEUSA - Fica.

SILVIO - Tem certeza de que vão me receber /
bem?

CLEUSA - Olha meu, qual é a sua? Não vê que /
quero paz?

SILVIO - Quero apenas conversar.

CLEUSA - Aqui só há lugar para sonhos.

SILVIO - Ter amigos.

CLEUSA - Gostamos de fantasias.

SILVIO - O que são estas fantasias e sonhos?

CLEUSA - Paz e curtidão. É isso aí, bicho.

SILVIO - Onde posso ficar sem incomodar?

CLEUSA - Em qualquer cano, sempre cabe mais /
um. (SILVIO se dirige para um cano) /
Ei, cara, tem cigarro?

SILVIO - (levando a mão no bolso) Tenho.





CLEUSA -- Então guarda para nós. Não ofereça ei-
garre aos outros porque eles devoram/
o maço em meia hora. Guarda para
dois.

SILVIO -- Meu nome é SILVIO. E o seu?

CLEUSA -- CLEUSA. Pelo jeito você está por-
do contexto.

SILVIO -- De que Contexto?

CLEUSA -- Para que tantas perguntas? O contexto
é o contexto.

SILVIO -- Sim, mas que contexto?

CLEUSA -- (irritada) É isso aí, morcu?

SILVIO -- (dá de ombros) Quem manda aqui?

CLEUSA -- O pai da família é o ALTAIR, antes /
era o PROFETA, mas ele se mandou. Ain-
da bem que não fiquei sozinha. (pausa)
Para que tantas perguntas?

SILVIO -- É para uma pesquisa que estou fazendo.

CLEUSA -- Não vai me dizer que é jornalista!

SILVIO -- É para um trabalho na faculdade, que
entregarei no fim do mês. Teria impor-
tância se fosse jornalista?

CLEUSA -- Luita. Os caras vem e fazem aquela /
cascata e depois publicam coisas que
não dissemos e até o que não viram. /
Não dou entrevistas.

SILVIO -- Mas vai me ajudar a fazer a pesquisa.

CLEUSA -- Por quê? Com que finalidade?

SILVIO -- Auxiliar o próximo... Ficarei aqui
uma semana, isto é, se me deixarem. ⚡
Quer me ajudar?



CLEUSA - Não! Só entro em fria. *(murmura)* na
 enchia dia e noite: "CLEUSA arruma aquilo; pare de
 ler; trate de fazer alguma coisa; olha que você me mata
 o coração!!!" *(murmura de tom)*
 Isto era todo o dia. Não a agüentei/
 mais e fugi. Como é a sua mãe?

SILVIO - Às vezes um pouco antiquada, mas uma
 boa mãe.

CLEUSA - Pois eu venho de um lar deteriorado,
 padre. De meu pai não gosto nem de
 falar. Aliás a psicologia explica cla-
 ramente minhas reações. Sabe? Fui en-
 tudante de psicologia por dois anos.
 Depois deixei tudo e caí nesta fossa.
 Mas aqui é legal, a gente vive livre-
 mente!!

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835.

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

SILVIO - Livre de quê?

CLEUSA - Vai me dizer que não tem complexos?

SILVIO - Devo tê-los, mas isto não me preocu-
 pa, pois vivo muito bem com eles.

CLEUSA - Já olhou em torno de você? Vira como
 a sociedade de consumo está podre? /
(pausa) fugi do mundo, é certo, mas
 agora sou livre dos estereótipos, /
 dos pensamentos codificados, dos /
 atos convencionados, de obrigações /
 determinadas. Consegui achar minha/
 autenticidade na criatividade sem li-
 mitos. É isto é bacana paca!!!

SILVIO - *(pausa)* Só entendi uma coisa, se vo-
 cês são tão autênticos e buscam uma/
 realização na criatividade, porque /

usam palavras estereotipadas como bacana, legal, jóia. É isto atrás que não me lembro.



CLEUSA - Mas o que tem na cabeça? Nossa autenticidade está justamente under ground". A anti-cultura é a nossa arma para destruir esta sociedade de consumo com suas regras hipócritas e pessoas cafonas.

SILVIO - O que você acha de um bife com batata frita, ovos e arroz?

CLEUSA - Jóia, jóia! Ainda mais que estou com uma fome paca.

SILVIO - Você conhece algo mais cafona do que bife com batata frita? Por que para protestar vocês não comem capim com serragem e tática de colímbia? Atacam a sociedade de consumo mas vivem às custas dela. O que vocês construiriam para substituí-la?

CLEUSA - Escuta aqui, meu, você é padre, pagtor protestante ou assistente social?

SILVIO - Já disse que estou realizando uma pesquisa para a faculdade.

CLEUSA - Se não quer me recuperar, por que está me agredindo com palavras?

SILVIO - Não. estou agredindo. Peço-lhe desculpas... Quero apenas elementos para meu trabalho. Preciso saber porque vocês vivem aqui.

CLEUSA - Pensa que eu sei?

SILVIO - Há pouco me disse que ~~fugiu~~ ^{saí} por causa de sua mãe.

CLEUSA - E acreditou? Saí de casa para trabalhar por conta própria. Fui quando de emprego em emprego, ~~para~~ ^{para} ~~conse-~~ ^{quis} guir melhorar de vida (pausa). Dá tudo errado comigo. Arrumei um carinha, tive um filho com ele, fui abandonada e estou aqui.

SILVIO - E a criança?

CLEUSA - Morreu... Já pensei em sair, procurar emprego mas acho melhor ficar esperando que aconteça alguma coisa.

SILVIO - O quê?

CLEUSA - Que o mundo se desfaça numa enorme explosão! Sei lá!!! Já imaginou que sarro se tudo terminasse num grande PUUUUUUUUUUUUUUUUUU!!! O Profeta afirmava que ao nascer do Sol haveria uma catástrofe e que todos nós nasceríamos / num mundo melhor. Abandonaríamos finalmente esta Terra de desolação.

SILVIO - Há muita coisa boa na Terra.

CLEUSA - Roubos, assassinatos, epidemias, guerras, fome e solidão. Principalmente solidão. Tenho medo de ficar sozinha.

SILVIO - Nós fazemos nossa alegria, o Mundo nos pertence e não é mau. A maldade vem de cada um. Basta querer viver bem.

CLEUSA - Palavras, palavras. Fiz uma programação bacana, ia estudar psicologia, abrir meu gabinete e veja só, *me* bebi entrando pelo cano. Faltei dinheiro para viver nesta *malta* sociedade de consumo.

SILVIO - Deveria procurar um emprego ou tivesse um salário condigno.

CLEUSA - Pensa que não tentei? Tinha o normal, mas não deu para viver com o que ganha uma professora, trabalhava-se muito e ganhava-se pouco. O comércio paga melhor. Uma moça do interior é assediada e tentada de diversas maneiras, quando ela cede surge uma porção de gaviões...

SILVIO - Normal? Você disse que cursou o segundo ano de psicologia!!

CLEUSA - Eu disse?? O profeta ensinava psicologia... Sim, era ele que sabia de tudo...

C E N A V

Os mesmos. Bira emerge de um cano.

BIRA - Oi, bicho!

SILVIO - Oi! Ache que conheço você... Bira?

BIRA - Tô aí! Não me diga que abandonou os livros e o emprego para se juntar a nós.

CLEUSA - Ele pesquisa para a Faculdade sobre nossa maneira de viver.



- BIRA - Legal, legal!! Fique por aí e veja/
nossa curtição e leve nosso
to à sociedade de consumo.
- SILVIO - Gostaria de perguntar.
- BIRA - Nada de perguntas. Vamos tocar uma
música pra quebrar, que responde a
qualquer pergunta.
(Bira desaparece pelo cano)

C E N A VI

CLEUSA e SILVIO

- SILVIO - O BIRA foi meu colega de trabalho./
depois que foi despedido /
nunca mais o vi. É um tipo engraça-
do.
- CLEUSA - Engraçado é você querendo bancar o
que não é!
- SILVIO - É o que sou?
- CLEUSA - Se analisar você, ficará com nojo /
de si mesmo. É melhor continuar se
enganando.

C E N A VII

- Os mesmos. Bira emerge de um cano, /
depois os outros hippies.
- BIRA - Legal! Jôôôôia!!!
(Música e jogo de luz. Jujú, Altair,
Tânia, Caco e Cleo dançam. Cleusa -
ensina Silvio que dá apenas passos/
cômicos).



Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-0

TODOS - (cantam)

Somos os herdeiros da Terra
da Terra poluída,
morrendo de tédio,
com a cibernética,
vivendo sozinho
no meio dos outros
que não nos olham de frente
porque temos a liberdade,
a liberdade

de ser e que somos
sem querer saber de
poluição
preconceitos
engarrafamento
dentro do ritual até o fim
até o fim
que bom seria que eu fosse
aquele que, aquele que
transformaria o mundo
em paz e amor.

(No fim do canto e dança, Cleusa e /
Caco somem num canto. Os outros imi- /
tam. Permanecem em cena Silvio e /
Cleo.

C E N A VIII

SILVIO - A onde foi a Cleusa?

CLEO - Deixa p'ra lá. A Cleusa está ocupa-
da com o Caco. Não quer me entrevi-
star?

SILVIO - Ela pertence ao Caco?



- CLEO - Aqui ninguém é de ninguém. Somos li-
vres. Seguimos apenas nossa ^{de O. Cristti} ~~liber-~~
vidade. Não somos manejados pelos
meios de comunicação dos trusts
internacionais. Libertamo-nos es-
cravidão burguesa, temos liberdade
de escolher o necessário. Já estou
fornecendo elementos para a pesqui-
sa.
- SILVIO - Gostaria de saber que escalas de va-
lores vocês se utilizam para esco-
lher o que querem.
- CLEO - A nossa liberdade estabelece os va-
lores.
- SILVIO - De que modo? O que determina os va-
lores é a razão, pois é ela que es-
colhe. A liberdade pura, sem razão
que a constitua é apenas uma forma
passiva e indiferente de agir.
- CLEO - Quer fundir minha cuca? Quem falava
de Sartre era o Profeta, vá discutir
com ele! Nós buscamos a liberdade -
pura.
- SILVIO - Isto é um absurdo. A liberdade de
escolha tem que ser racionalizada
porque ela é uma realidade moral.
- CLEO - Não concordo, porque segundo Sartre
a minha liberdade é o único funda-
mento dos valores e que nada, abso-
lutamente nada, me autoriza a ado-
tar este ou aquele valor. O meu
ato é um produto de minha liberdade
que não tolera nenhum juízo para

constestá-lo.

SILVIO - Também não concordo com o que você diz e explicarei porque. Se você tiver liberdade pura, sem a da razão, vazia de valores, será subjetiva. Portanto a sua liberdade de agir entrará em choque com a minha liberdade, porque a minha maneira de pensar é diferente da sua. E aí termina a liberdade...



CLEO -- Por que? Basta sermos tolerantes. / A falta de compreensão dos corcos / em relação aos jovens é por falta / de tolerância. Com tolerância haverá liberdade.

SILVIO - E porque vocês não são tolerantes?

CLEO - Fomos jogados num mundo que não / construímos, onde temos de nos adaptar, despojados de nossos desejos / e sentimentos. Os outros devem ser tolerantes...

SILVIO - É, mas para alcançar esta tolerância só através de um comportamento de total abstenção, não dizer nada, não participar, não criticar e não se comunicar. Nós vivemos num / vazio interior, restando apenas o narcisismo.

CLEO - E existe algo melhor do que eu?

SILVIO - Existe! Eu!... Viu como não dá certo? (pausa) Já imaginaram se todos fossem hippies? Ninguém plantaria.

18

Não haveria energia elétrica, não haveria água, não haveria gás, não haveria telefone, não haveria televisão, não haveria rádio, não haveria jornal, não haveria cinema, não haveria teatro, não haveria música, não haveria dança, não haveria esporte, não haveria lazer, não haveria educação, não haveria saúde, não haveria segurança, não haveria justiça, não haveria ordem, não haveria paz, não haveria amor, não haveria vida, não haveria morte, não haveria nada. Se você precisa de uma hospitalização, morreria sem assistência, porque o motorista da ambulância estaria no parque desfilando de margarida. Se você conseguisse - se arrastar até o hospital, não seria atendido porque o médico estaria fazendo amor com a enfermeira e o anestesista completamente dopado, com o anestésico.

CLEO - Paz e amor, é isso aí, bicho!!

SILVIO - Só chego a uma conclusão: a vida de vocês é inumana, igual a de animais.

CLEO - Nessas relações nos libertam porque meu corpo me remete ao outro, fazendo-me descobrir uma nova maneira de existir, vivendo cada um para si e para o outro.

SILVIO - O outro para você é um mero objeto/ e você também se transforma para ele um objeto. Onde está a liberdade?

CLEO - Você é biruta!

SILVIO - Não encontra uma argumentação melhor?

CLEO - Prove que você não é! Aposto que você acredita no amor monogâmico.

SILVIO - Escolherei a mulher que será mãe de meus filhos.

CLEO - Você pertence irremediavelmente à sociedade do consumo. PoBRE cidadão! Um escravo maoquista do poder econômico.



SILVIO - Não apoio a sociedade do consumo. - Seu contra o lucro escravizante e a mecanização desumana.

CLEO - Junte-se a nós! Ou haverá outros caminheiros?

SILVIO - Há! O comunismo apresenta uma solução em que o indivíduo se transforma num meio para o estado atingir sua perfeição. É um caminho para os que não gostam de pensar e se deixam guiar. O outro caminho, apontado pelo cristianismo é o mais difícil, porque a pessoa transforma seus atos num caminho para chegar a Deus, e para isto teria que seguir os ensinamentos do "Sermão da Montanha"... O caminho mais fácil é o de vocês, o da abstenção.

CLEO - Se o nosso é o mais fácil, por que não vem para ele?

SILVIO - Porque no final só existe o vazio.

CLEO - (pausa) Desde que vim para cá não conversava deste jeito...

SILVIO - Há pouco não dizia que o profeta ensinava Sartre? Não entendi...

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

- CLEO - O Profeta é uma invenção da turma, nunca existiu.
- SILVIO - Então... Vocês vivem ~~conhecendo~~ ~~o~~ ~~que~~ ~~fazemos~~ ~~para~~ ~~você~~ ~~e~~ ~~para~~ ~~nós~~. Não tente descobrir o que ~~fazemos~~ ~~para~~ ~~você~~ e para nós. Às vezes a barra fica pesada. (desaparece no cano)
- SILVIO - Cleo, Cleo!.

C E N A IX

Silvio e Altair que sai de um cano.

- ALTAIR - Não ouviu o que a gatinha disse? Deixe minha família em paz!!
- SILVIO - Faço perguntas para a minha pesquisa. É importante descobrir o objetivo - de vocês.
- ALTAIR - Olhe, cara, nós vivemos muito bem / assim, não precisamos saber quais as nossas finalidades. Tratando de mandar enquanto é tempo!
- SILVIO - E se ficar?
- ALTAIR - Ficará bonzinho, senão morrerá!
- SILVIO - Mas isto seria contra a idéia de liberdade individual que vocês tanto / falam.
- ALTAIR - Não tente me enrolar como fez com o Cleo. Estou avisando! Eles existem / porque estou aqui. Seria muito doloroso.

roso destruir esta família.

(Altair se retira para um dos canos)

C E N A X



Silvio caminha absorto. Juju e Tânia surgem dos canos.

JUJU - Tadinho do menino, foi massacrado pelo Altair.

TÂNIA - Acho melhor se mandar!

JUJU - Falou, tá falado!

SILVIO - Me deixem em paz!

TÂNIA - Está baratinado?

JUJU - Ou está com medo?

SILVIO - De que teria medo?

TÂNIA - Da verdade!

(Inicia música POP)

JUJU - Gostaria de viver igual a nós.

TÂNIA - Com a nossa liberdade.

JUJU - Mas está preso aos preconceitos da sociedade de consumo.

TÂNIA - Tem inveja de nós!

JUJU - Vamos mostrar o que somos!

(A música aumenta de volume e as duas dançam com jogo de luz. No fim da dança apoiam-se nos canos).

JUJU - Legal!

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



- TÂNIA - Jóia!
- JUJU - Você gostaria de nos ajudar! Bira /
que não sei!
- TÂNIA - Puritano hipócrita.
- SILVIO - Eu não sou igual a vocês. Eu tenho
respeito por mim.
- TÂNIA - Mas bom que gostaria de entrar pelo
cano!
- JUJU - Desliga, desliga! Vá na onda! Quan-
do se começa a viver a gente morre.
- SILVIO - Antes de morrer farei alguma coisa
de bom.
- TÂNIA - O que? Plantar uma árvore?
- JUJU - Escrever um livro?
- TÂNIA - Ter um filho?
- JUJU - Merce sonhos burgueses...
- TÂNIA - Falta de criatividade...

C E N A XI

Os mesmos. Bira traz a mochila de /
Silvio.

- BIRA - Vá embora enquanto é tempo!
- SILVIO - Por que não posso ficar?
- BIRA - Viviamos bem sem perguntas, até que
você chegou e colocou minhocas em/
nossas cucas. Dê o fora enquanto con-
tinuamos em nossa pureza.
- SILVIO - Ficarei.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-02

M

BIRA - (Dá de ombro) Como quiser, mas vá se arreender.
(Bira larga a mochila no chão e parece num cano. As moças fazem mesmo.)



C E N A XII

Silvio caminha na frente dos canos.

SILVIO - Vocês se escondem como caramujos dentro da casca, para não ouvirem minhas verdades. Sei o que vocês são. Olhem para vocês, são inúteis e vazios como estes canos. (ausa) Não respondem? Não faz mal, sei que estão me ouvindo!!! Frustrados, fracassaram na sociedade e agora têm medo de tentarem novamente porque sabem que são incapazes. Não assam de uns frustrados e covardes porque não souberam resolver os dilemas da vida e se lançaram numa fossa onde não há valores, apenas ações. (gritando) Os valores... Os valores são importantes porque determinam nossas ações, sem eles não há escolha. (mudando de tom) É preciso saber escolher porque nossas soluções nos conduzem a um fim.

ALTAIR - (saindo de um cano e gritando) À morte!

SILVIO - É só que resta a vocês porque não compreendem o ser humano pelos seus mistérios e caprichos. Se tivessem menos orgulho descobririam que vocês

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

não criaram o que existe. Vocês só destruíram.

CLEUSA - (saindo de um cano) Morte!

SILVIO - Vocês não evocam uma esperança fugiram da realidade em busca de um cinismo que justifique a má educação, a grosseria e o relaxamento de cada um.

CLEUSA - (saindo de um cano) Morte!

CLEO - (saindo de um cano) Morte!

JUJU - (saindo de um cano) Morte!

SILVIO - Berrem o que quiserem! Já cheguei ao fundo da fossa!!! (pausa) Vocês têm razão, invejo vocês! Gostaria de ser desligado, não sofrer mais na tentativa de compreender meus semelhantes em busca de soluções. Da maneira que hoje se vive ninguém é inocente, por que tudo que se faz depende de cada um... (pausa) Vocês rirão de mim: / sou religioso, acredito em algo superior e melhor. (pausa, depois gritando) Não aguento mais as injustiças e as violências dos jogos de interesses, fui arremessado num mundo feito, sem possibilidades de mudá-lo. (Bira liga a música) Pare a música, que quero gritar o que vocês são. Pare a música! Idiotas! Covardes! (A música aumenta de volume, abafando a voz de Silvio. Os personagens avançam na direção da música, cercando Silvio. -

Ele tenta escapar. Apertam o círculo e se afastam no ritmo musical. Joga de luz. Silvio cansado se ajoelha. O grupo se comprime à sua volta. Levantam-no e carregam-no para um dos canos. Deitam-no de costas. Bira agarra-lhe as mãos e Caco os pés. Altair e as moças formam um grupo compacto, ocultando o corpo de Silvio. Luzes diminuem de intensidade, para a música e ouve-se o grito de Silvio. Em silêncio o grupo se separa. Luz amarela.



- ALTAIR - Ele teve a ousadia de nos julgar.
- CLEO - Ele era a negação de nossa liberdade pura.
- TÂNIA - Por isto foi destruído.
(Cleusa se afasta)
- ALTAIR - Aonde vai, Cleusa?
- CLEUSA - (Voltando-se) À cidade. Alguém tem que contar o que aconteceu. (Para indecisa olhando o grupo)
- ALTAIR - Só dê a notícia na cidade quando a noite chegar, precisamos de tempo - para o nosso ritual de curtir o por do Sol. Talvez o Profeta agora venha!!
- CLEUSA - Como vocês reconhecerão o Profeta, - se ele chegar?
- ALTAIR - Ora, ele é um sujeito bacana, vamos conhecer conhecendo!!

CORO = Legal, jóia!

(Sobem no estrado e dançam ao ritmo da música e do jogo de luz. Classe - se afasta. Apagam-se as luzes na ordem inversa do início da peça de tal maneira que a última cena seja igual a primeira. Escuridão).

F I M

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

